

A ANGÚSTIA NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO JUIZ

Judith Euchares Ricardo de Albuquerque*

SUMÁRIO

DO QUE SE TRATA

A) A saída pelo sintoma

B) A passagem ao ato

C) A saída pelo desejo

O JUIZ E A ANGÚSTIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DO QUE SE TRATA¹

Quando a vinda de uma criança ao mundo é anunciada, há, por parte da mãe, a criação de um lugar vazio, onde algo do seu desejo com relação ao filho é colocado. Nesse lugar, a mãe introduz sua expectativa, uma marca opaca e mítica, mas que diz de um destino a ser encenado pelo filho. Ao nascer, a criança é inicialmente um corpo, um corpo de gozo, até que a palavra venha simbolizar aquela marca instalada pela mãe, no antes lugar vazio.

No nascimento algo cai, como a placenta, resto de uma operação produzida no campo do sujeito e do Outro. A perda é dos dois: sujeito e Outro, como também é dos dois a tentativa de recuperação da posição anterior, onde mãe e filho se mantinham ligados pela placenta. É fundamental, então, um corte, feito pelo pai real, que impeça a reintegração do objeto ao Outro original. É a cunhagem do Nome-do-Pai, a oferta de um nome que represente o sujeito a partir de então, de um traço individual, singular, que coloca o sujeito em movimento, apesar de ele passar a vida tentando recuperar essa perda.

O que antes era um corpo de gozo passa a ser um sujeito nomeado por uma palavra, um significante (S1), dado pelo pai que organiza a articulação entre real, simbólico e imaginário e faz toda a diferença.

Mas, nessa tradução de corpo de gozo em um significante (S1), sempre resta algo, porque o significante não esgota a totalidade do gozo.² Sobra um resto inquantificável e heterogêneo para o qual Jacques Lacan dá o nome de objeto pequeno a e o coloca como sendo da ordem do real, daquilo que não se presta às palavras, à dialética. É um objeto que questiona a eficácia do Nome-do-Pai em nomear, pois resiste a qualquer nomeação. Não se deixa apreender nem pelo

* Psicóloga-Psicanalista do Centro de Direito e Psicanálise da Escola Judicial do TRT da 3ª Região.

¹ Tema de apresentação do XV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano.

² Sigmund Freud constatou que o ser humano não se contenta com o prazer, indo mais além do princípio do prazer e o resultado acaba sendo a dor e o desprazer. Esse "prazer dolorido" é o que a Psicanálise denomina gozo. Refere-se a um excesso porque expressa a satisfação paradoxal advinda do sintoma, ou seja, um sofrimento que deriva da satisfação.

imaginário e nem pelo simbólico. Tem um certo caráter de infração; é um resíduo singular. “O que há de mais eu - mesmo no exterior, por ter sido cortado de mim.”³ Vem como um objeto perdido, mas que marca o sujeito desde então. Precede-o, porque aparece inicialmente naquele lugar que o desejo da mãe reservou ao filho; e o determina, na sua vertente de causa de desejo, porque liga o sujeito ao Outro, como sujeito do desejo.

Eis aí o sujeito: dividido, marcado pelo significante, mas com um resto real que emerge sempre e não se deixa resolver, porque o simbólico não o alcança.

Do objeto a só temos as seqüelas. Nele, a angústia se ancora. Falar de angústia é falar da presença de uma falha irreduzível do significante, é algo do sujeito que não entra no campo da linguagem; um afeto que não engana e que comprova o real. Um afeto de desprazer que se remete a um resto absoluto, ao que é real, ao gozo. Ela não se submete ao princípio do prazer e atormenta o imaginário do corpo. A angústia se apresenta onde os recursos da realidade falham, sendo, então, uma passagem da realidade para o real.

No campo dos afetos, a angústia tem posição crucial, uma vez que é um afeto em torno do qual tudo se ordena. Diante dessa encruzilhada, o sujeito traça possíveis saídas.

A) A saída pelo sintoma

A civilização contemporânea oferece frágeis soluções para a angústia do homem. O discurso científico oferece a ilusão de que o saber possa constituir uma totalidade, possa dizer tudo sobre o que é o real. Os novos medicamentos, com sua proposta de resolução imediata do mal-estar contemporâneo, oferecem a momentânea moderação da dor, mas que não implicam o sujeito. O discurso universitário, na sua insensata pretensão de produzir um ser pensante, coloca o saber prévio como agente, para nada saber do sujeito, da diferença absoluta, do S1. A religião, na tentativa de colonizar o real pelo simbólico, oferece a felicidade futura e a proteção contra a dor de se viver, sem, no entanto, reconhecer a singularidade do desejo de cada um. Também, entre os discursos do “nada querer saber do desejo”, estão a auto-ajuda e as psicoterapias que, por atuarem apenas nas questões do eu (imaginário), não interferem nas do gozo. São, todos, apoios aos desamparados que a sociedade oferece, como um saber alojado no lugar da verdade mentira. A um sujeito sem bússola, dê-lhe qualquer coisa!

A saída pelo sintoma é apenas um tratamento que se apresenta frente às ameaças do real e para quando não se pode contar com a garantia do Outro.

O sintoma do sujeito nada mais é que sua forma de amarrar o simbólico (campo dos significantes, das palavras), o imaginário (lugar das imagens, das relações com os outros sujeitos) e o real. É o modo como o sujeito goza, como ele traduz o desejo do Outro, sua posição frente a esse Outro, como ele responde àquilo que imagina faltar ao Outro. É a tentativa de obturação da falta, com todas as ilusões que isso comporta.

³ LACAN, J. Seminário 11. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar.

O homem tenta pôr um ponto de basta naquilo que insiste, naquilo que não tem lei e o sintoma se oferece como uma solução possível. Claro que ele escolhe um sintoma com o qual “sabe fazer” e, aí, funciona. Mas, mesmo assim, há um momento em que o real excede os limites que o saber do sintoma dá conta e ele vacila.

O sujeito quer apenas mascarar a falha que não é da ordem da contingência, mas sim a manifestação da relação com o impossível. Citando Jacques-Alain Miller:

Se não houvesse a contingência para desmentir o impossível, teríamos lei no real, e não temos nem isso.⁴

A psicanálise aborda o real que está no saber, o furo no saber, o saber que não se sabe, porque a verdade é a impossibilidade de se definir o real. Ela é inseparável dos efeitos de linguagem, mas não se articula na palavra, por haver uma incompatibilidade entre ambas, verdade e linguagem. O que diz da verdade é o gozo. A verdade de cada um é, portanto, seu modo de gozo.

B) A passagem ao ato

Uma segunda saída para a angústia pode se apresentar quando o contato com o real, em excesso de gozo, é perturbador e fora do sentido.

A angústia aponta a presença do objeto e o sujeito desordenado pode não abrir espaço para o significante, para a dialética do desejo.

A presentificação do objeto a é tão assustadora que impede qualquer tipo de interpretação e o sujeito sai de cena.

Na passagem ao ato suicida, um dos exemplos disso, o sujeito se identifica absolutamente com o objeto a, mas fora da cena. Ele não quer mais saber de nada, apenas cair fora, “numa passagem ao ato”. Não há nenhum apelo ao Outro, porque dele não espera nenhum tipo de intervenção. Não há mais esperança; apenas o encontro com o abandono do Outro. Ele, então, desembaraça-se da cena, pula para fora. É preciso morrer para poder viver.

O suicida é aquele que usa o pequeno a como fim.

C) A saída pelo desejo

O objeto a, por estar ausente de toda explicação pela palavra, não tem nome, não é um conceito e não se deixa especularizar num espaço objetivo da realidade, tendo, pois, estatuto de consistência lógica. Dele só existem exemplos e representações. Denomina-se a porque não há um nome que o designe. É o objeto a que não há, mas que aparece no lugar denunciado pela angústia. É também a condição de desejo, quando colocado na posição de causa, um afeto voltado para o futuro, sendo, pois, o melhor remédio contra a angústia. Citando Miller:

⁴ MILLER, J.A. Palestra. *In: IV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE* - Ilha de Comandatuba, em 05 de agosto de 2004.

A gente é tão substancialista que, quando nos ouvidos entra uma voz falando do objeto pequeno a de Lacan, a gente não deixa de se perguntar: e eu, qual é meu objeto a? É preciso, primeiro, pensar que, se ele é designado como o objeto a, é porque ele não tem nome.⁵

Quando mediado pelo amor, o objeto a pode ser elevado à dignidade de objeto simbólico, causa de desejo, e entrar numa cadeia metonímica, em busca do desejo do Outro. O objeto autêntico e desconhecido é intencionalmente colocado no campo do Outro e transformado em um fascinante objeto visado e presente na relação amorosa; algo que o sujeito vê, localiza e pelo qual se apaixona. Um objeto que se diz pertencer ao Outro, mas que nada mais é do que um substituto do verdadeiro objeto a que, por ser do real, é invisível, mas que mediado pelo amor aparece como sendo do Outro amado. É exterior ao Outro, mas o sujeito o inclui no campo do Outro, pois o objeto autêntico é o desejo enquanto não conhecedor de seu objeto, desconhecendo o objeto que o causa. Nesse aspecto, o desejo é enganoso: visa a um falso objeto. “Eu te desejo, mesmo que eu não o saiba.”⁶

O JUIZ E A ANGÚSTIA

O Direito na esfera social dá ênfase à proteção da dignidade humana e busca o bem-estar social, mas a lei não é toda, não regula tudo e sempre algo escapa. As regras são inadequadas para ajustar os relacionamentos dos homens nas famílias, no Estado e na sociedade.

É com o resíduo que a justiça não opera que o juiz se depara no exercício de sua função. Com aquilo que o simbólico não alcança: o resto. Ele opera com o simbólico da lei, mas ela não lhe dá total garantia. Busca o apoio dos recursos imaginários, que são frágeis e nem sempre se sustentam. Esbarra-se, então, com o real e com o abandono. De onde espera a garantia, vem a falha e a angústia se apresenta. E ela atormenta.

O que fazer com isso que a lei não regula, onde ela não opera? O sujeito se angustia na presentificação do objeto a, que aparece no lugar da falta, quando os anteparos que ele constrói pela vida não são suficientes para afugentá-la.

A sociedade vive a crise da autoridade, da queda dos ideais. A rapidez está no cerne da contemporaneidade. É tudo muito rápido e a busca de satisfação domina numa seqüência de objetos tamponadores da falta: o carro, a droga, a série inesgotável de parceiros, a oferta de eficientes medicamentos polivalentes. Nessa sociedade, que se sustenta na ditadura do mais-de-gozar, o pai idealizado do Édipo freudiano, como aquele que barra o desejo da mãe, é um pai que não funciona mais. É preciso ir mais além e, contrariando essa potência do pai, entra em cena um pai que oferece um nome, uma filiação simbólica e que renuncia às ilusões da potência. Um pai que não se engana, porque sabe que o objeto pequeno a é irredutível à simbolização. Um pai modesto que corta do campo do Outro um objeto que lhe causa desejo e enfrenta o encontro com sua mulher, não sem angústia, mas dentro de um gozo possível, ligando seu desejo ao objeto a como a sua causa. Um pai que dá um sentido ao gozo.

⁵ MILLER, Jacques A. Introdução à leitura do Seminário da Angústia de Jacques Lacan. *In: Opção Lacaniana n. 43*. São Paulo. Maio de 2005.

⁶ *Idem*.

A psicanálise constata a pluralização dos nomes-do-pai, pela singularidade com que cada sujeito vive sua própria situação, e questiona o pai do complexo de Édipo como garantia para os tempos modernos, onde a autoridade já não mais se sustenta.

No exercício de sua profissão, o sujeito juiz está ali, resguardado pela lei, emprestando seu corpo à complexa expectativa das partes que o demandam. Onde ele se ancora para exercer o lugar de autoridade?

Do lado da sua subjetividade, sua resposta àquilo que do campo do real e do gozo retorna é o sintoma que constrói.

Seu mal-estar surge quando não são suficientes os anteparos que a profissão lhe oferece. Ele entra com seu estilo, com o trato que dá ao seu objeto pequeno nada. É em função do destino que escolhe para o objeto que o juiz marca seu caminho.

O cotidiano da profissão do juiz trabalhista impõe o excesso de trabalho, a carência de recursos, a absorção das relações amorosas nas lides trabalhistas e o questionamento da autoridade, pelas partes, nas audiências.

O resto real excede quando o Outro do Outro, do qual se espera a garantia, falha.

Diante da angústia experimentada pelo juiz e pela juíza, no exercício da profissão, é possível observar a ressonância da diferença entre masculino e feminino.

Há uma enorme distância entre o sexo anatômico e a sexualidade do sujeito, esta entendida como a forma com a qual ele estabelece sua relação com o objeto do seu desejo. O que realmente importa é a subjetivação do sexo, já que o sujeito tem acesso a uma posição masculina ou feminina na dialética com o sexo, podendo se inscrever de um lado ou de outro.

A diferença entre os sexos está no ter - "Ter ou não ter, eis a questão" - o que traz consequências subjetivas, pois, para quem o tem, há o medo de perdê-lo e a criação de estratégias defensivas; para quem dele carece, o desejo de tê-lo. Há, para Freud, na posição feminina, um efeito de complicação, um sentimento de inferioridade no plano imaginário, por se sentir limitada no seu desejo de se fazer desejar.

Se para Freud a mulher aparece inteiramente mediada pelo falo, para Jacques Lacan ela não está totalmente presa na castração, tendo um mais além do falo.

Interrogando a leitura falocêntrica⁷ de Freud, Lacan mostra como o homem compensa a falta estrutural que se lhe apresenta desde o nascimento com o

⁷ O momento em que a menina descobre-se castrada tem uma função de marco decisivo em sua sexualidade. Pela influência da "inveja do pênis", a menina se afasta libidinalmente de sua mãe e faz uma guinada para o pai, que possui aquilo que lhe falta. Ela pode mais tarde, segundo Sigmund Freud, simbolizar essa inveja do pênis, por meio do desejo de ter um filho. Para ela, a questão não está na angústia de castração, pois não há pênis para ser perdido. Em seu caminho, está implícita a subjetivação do pênis, ou seja, a significação do falo, como representação do desejo. Ela tem que lidar com o não ter e fazer disso o desejo de ter. É o falo ansiado. Coloca-se, então, na dialética do amor, ou fazendo a equação filho = falo, quando substitui o amor ao falo pelo amor ao filho, ou colocando-se como o falo que falta ao homem. O menino, ao ter a visão dos órgãos sexuais femininos, passa a se angustiar com a possibilidade da perda de seu próprio pênis e necessita, então, de um interditor que o faça internalizar a lei paterna apaziguadora e propiciadora de suas futuras relações com mulheres outras, que não sua mãe. A ameaça sobre o pênis causa a sua angústia. O que lhe é determinante é a ameaça e a subjetivação do pênis em ter ou não ter.

benefício do gozo fálico. No caso da mulher, sua falta-a-ser se conjuga com a privação do órgão e torna-se uma falta redobrada. A referência ao falo não é a única e ela se situa entre a função fálica e a ausência; está mais além de toda medida.

Na mulher, o desejo passa pelo amor e por isso ela demanda tanto do parceiro que ele lhe fale e lhe dê constantes provas do seu sentimento. No homem, o desejo passa pelo gozo. O que é vivo no corpo, carregado de libido, passa a ser perturbador e angustiante. Seu órgão-instrumento lida com o não poder, pelo fato de que nem sempre está disponível. O homem se embaraça no caminho do gozo, já que o órgão, como objeto de desejo na copulação humana, pode falhar. Ele se vê angustiado pela detumescência e tenta se desvencilhar dessa angústia com os usos clandestinos que faz de sua virilidade. Ele pode trair, mudar repetidas vezes de parceiras, masturbar-se, mas é ao homem que falta e “à mulher nada falta”. Ela está menos suscetível à angústia, em se tratando do gozo, porque não se encobre por um objeto que pode falhar. No entanto, ela se angustia com relação ao desejo do Outro, porque não dispõe de um objeto que a proteja e sofre com a possibilidade da perda de amor.

A angústia de castração é mais acentuada no homem. Numa situação de desaprovação, ele se vê perturbado em sua potência. Sofre ao ser desonrado porque tem a angústia do proprietário. Sua angústia vem porque é um ser limitado pela detumescência. A parte viva do seu órgão é o que o perturba, porque vai detumescer. O homem se angustia pelo êxito. Sua honra tem valor fálico e não pode ser colocada em questão.

O atraso na sentença torna-se sua falta moral; insuportável e desencadeador da angústia. É preciso, então, segundo sua ótica, fazer mais. Cada vez mais é preciso responder à inesgotável demanda do Outro, que o invade nas suas prerrogativas, como uma lei caprichosa, uma vontade de gozo. Não pode falhar e sente-se obrigado a ocupar uma boa posição na estatística mensal dos processos. Com isso, tenta matar aquilo que é o resultado do vivo: o desvanecimento.

A mulher está mais próxima do real. A sua questão diz respeito ao seu ser no desejo do Outro. Sofre de uma demanda de amor insaciável de ser única para aquele que ela ama. A perda do amor tem para a mulher o valor de castração. Sua questão fundamental é o desejo de ser desejada. Ela nunca teve o falo, mas se angustia por perder o amor. Seu esforço é no sentido de responder ao Outro, de satisfazê-lo, para conquistar seu lugar de valor.

Tanto para o homem como para a mulher ficar à mercê do desamparo, frente a uma tensão excessiva que vem da desaprovação do Outro, é ultrapassar o limite e viver a dor.

Como desonrado ou não amada, aquele que escolhe submeter-se à demanda absoluta do Outro engana-se por não optar pela posição ética de se sustentar pelo desejo e não ceder sobre ele. Isso, porque a dor de existir pode ser amenizada, caso a angústia, que está no centro do sofrimento humano, seja ultrapassada.

A psicanálise introduz a ética das conseqüências e empresta a responsabilidade ao ato do sujeito.

Concluindo, é verdade que o sujeito se funda na relação com o Outro, como desejo no Outro, mas isso não elimina o sentido particular que cada um dá a sua

vida, se detendo aí ou não, com maior ou menor sofrimento. Algumas escolhas são possíveis.

O homem encontra sua casa num ponto situado no Outro, além da imagem de que somos feitos, e este lugar representa a ausência onde estamos. A supor, o que acontece, que ela se revele pelo que ela é, a presença, em outro lugar, que faz esse lugar como ausência; então ela é a rainha do jogo.⁸

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e ansiedade. *In: Obras Completas*. v. 20. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.
- _____. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *In: Obras Completas*. v. 19. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.
- _____. O mal-estar na civilização. *In: Obras Completas*. v. 19. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.
- LACAN, Jacques. *O Seminário livro XI. Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988.
- _____. *O Seminário livro X. A angústia*. [s.n.t.]. (Inédito)
- _____. *O Seminário livro XVII. O Averso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992.
- MILLER, J. A. Introdução à leitura do Seminário 10 de Jacques Lacan. *In: Opção Lacaniana*. São Paulo: Eólia, n. 43, maio 2005.
- PORTILLO, Ronald. Fantasma e sexualidade feminina. *In: Opção Lacaniana*. São Paulo: Eólia, n. 9, jan./ mar. 1994.
- LIMA, Celso Rennó. *Seminário: Histeria e Feminilidade*. Belo Horizonte: [s.n.], 2004. 5p. (Notas de aula).
- _____. Uma questão sobre a prática analítica. *In: Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise - SEÇÃO MINAS*, 11, 2005, Belo Horizonte. Os Destinos da Angústia... Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas, 2005 (Notas de congresso).

⁸ LACAN, J. *A angústia*. Seminário de 5 de dezembro de 1962.